

# Sarney, na TV, defende últimos dias de governo

Presidente culpa Constituição pela falta de poder e diz que a crise é do Estado

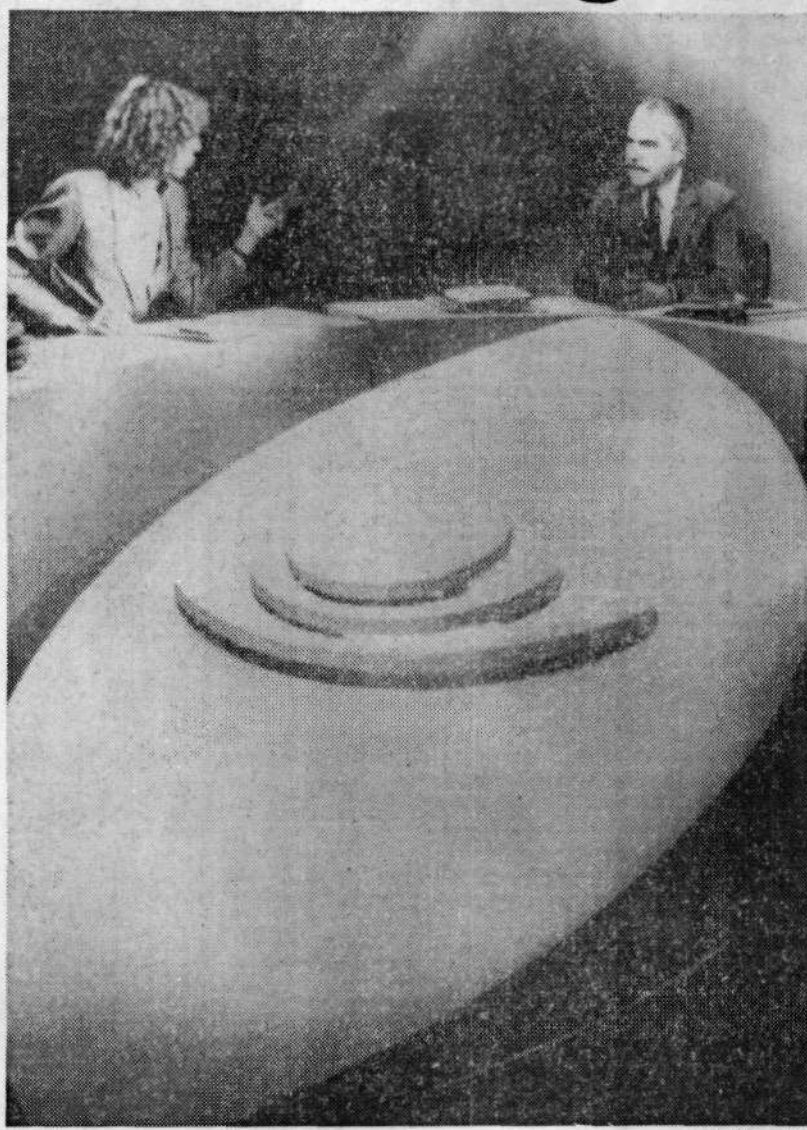
MARA ZIRAVELLO

Mais do que a oportunidade de rebater as críticas feitas ao seu governo pelos candidatos durante o debate realizado pela Rede Bandeirantes, o presidente José Sarney encontrou espaço para um grande desabafo, num programa gravado domingo de manhã e levado ao ar às 21h30 de ontem. Extrapolou meia hora dos 45 minutos inicialmente combinados e discursou à vontade, livre das rígidas regras a que se submetem os presidenciáveis. Lamentou a falta de apoio à sua administração, negou que houvesse gente demais na comitiva que o acompanhou à França e culpou a nova Constituição pela ausência de poder.

"Chova ou não chova, a culpa é do Sarney", choramingou o presidente. "Até se a mulher chega tarde em casa, a culpa é do Sarney", exagerou. Ora em tom de *mea culpa* ora com gestos incisivos aprendidos para as gravações transmitidas em cadeia nacional de televisão, Sarney elogiou o próprio governo sem apresentar novas saídas para problemas como a inflação, o benefício da aposentadoria ou o pagamento da dívida externa.

Atribuiu sua impopularidade aos "tempos de crise". "E não é uma crise do governo. É uma crise do Estado", explicou. "É impossível governar sem apoio do Congresso, sem apoio dos empresários...", e a lista iria longe caso a jornalista Marília Gabriela não tivesse interrompido com uma pergunta desconcertante: "Quem o apóia, presidente? Quem gosta do senhor?" A resposta foi curta: "A lei constitucional". Baseado neste apoio, Sarney ressaltou um de seus feitos, proclamando-se o presidente que mais vetou projetos de lei.

Adiante, ainda influenciado pela participação dos come-



Aldori Silva/AE

Sarney, na Bandeirantes: "Nunca quis ser presidente"

morativos da Revolução Francesa, lembrou os bastidores do Plano Cruzado. "Sei que estou colocando minha cabeça na guilhotina, eu disse aos economistas na época. Tive vontade de acertar, coragem e determinação de enfrentar a inflação", comentou, ao mencionar mais uma lição que diz ter aprendido: "Hoje posso dizer: em nenhum lugar do mundo a inflação será derrubada por economistas".

A maior parte do tempo, porém, o presidente gastou para explicar sua viagem à França. Na opinião de Sarney, foi a mais importante do ano, e enganaram-se os que viram gente além

do necessário no DC-10 fretado para substituir o avião presidencial da Força Aérea Brasileira. "Não levamos ninguém por conta do governo que não fosse estritamente necessário", afirmou. "Um presidente não pode chegar em outro país sem apoio de segurança, assessores, médicos." Faltou perguntar a ele qual a necessidade, por exemplo, da presença de Paloma Amado, filha do escritor Jorge Amado, entre os convidados.

Um bloco não foi suficiente para Sarney se convencer de suas justificativas sobre a viagem. "Querida voltar à parte de

Paris", pediu o presidente, desta vez para declarar que admite questionamentos sobre a validade da viagem, embora considere de "extrema insensibilidade" a crítica de veículos da imprensa que "recebem incentivos fiscais... que não pagam importação de papel... nem o usado em outros departamentos, como o de listas telefônicas", concluiu.

Por um momento, Sarney deixou de lado a autoproclamada paciência e chegou a bater com a mão na mesa, ao ser lembrado do apoio popular que recebeu no combate à inflação e ouvir a afirmação de que o governo não fez sua parte. "E fez, e fez e fez", irritou-se. "Neste primeiro semestre tivemos superávit no lugar de déficit. Sabe quem não cumpriu? Os empresários, que subiram os preços acima da inflação", acusou.

No curto intervalo entre um e outro bloco, durante a gravação do programa, Sarney demonstrou preocupação com o próprio tom: "Eu me exaltei muito?", perguntou ao superintendente de jornalismo da TV Bandeirantes, Fernando Mitre. "Não, presidente", respondeu Mitre.

A resposta foi emendada com uma pergunta sobre a corrupção, oportunidade para que o presidente lesse uma lista de bancos fechados e de prisões decretadas dos sonegadores de impostos. "Fui o presidente que mais demitiu, mas não posso prender ninguém. Aqui não se prende nem quem mata. A nossa Constituição proíbe", declarou, contra a Constituição que segurava nas mãos, preparada e assinada no decorrer de seu governo. E não faltaram outras críticas.

"Perdemos a oportunidade de discutir o problema do Estado brasileiro, como ele deveria se organizar", lamentou Sarney. "O presidente não tem mais poder algum, devido à Constituição. O governo exerce o poder do Estado. Se o Estado não tem poder...", afirmou em tom reticente.

Quem foi dormir pouco antes do final do programa perdeu a atuação mais serena do presidente, e também a mais enfática: "Não desejo, nunca mais, me candidatar a nenhum posto eletivo", garantiu Sarney.

## "Não pedi um ano de governo"

● "Fui o presidente que teve a inflação mais alta, mas também a mais baixa. Não é uma crise de governo. É a do Estado. É impossível governar sem apoio do Congresso, dos empresários..."

● "A comitiva (de sua recente viagem para a França) não existiu. Não é verdade. O que existe é a comitiva que vai com o presidente. Está na Lei. Um presidente não pode chegar lá sem apoio de segurança, imprensa, assessores, médico... Esta viagem é a mais importante deste ano."

● "Tem gente preocupada porque o país fretou um Boeing (para a viagem para a França). No dia em que o Brasil não puder mais viajar, não será mais um grande país. Não levamos ninguém por conta do governo que não fosse estritamente necessário."

● "Quando disse que o país está de quarentena, me referi à insensibilidade que estamos vendo dos países ricos para os países pobres."

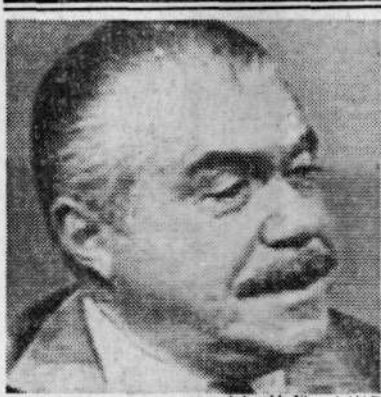
● "O Sarney é responsável por tudo. Quando chove ou quando não chove. Qualquer problema, a culpa é do Sarney."

● "A comitiva (da viagem para a França) teve 15 pessoas, com nomes publicados no Diário Oficial. Quando se publica o nome de seguranças, deixam de ser seguranças."

● "Somos dois países. Um em que 60 milhões vivem como

● "Na época do Plano Cruzado, disse aos economistas: 'Sei que estou colocando a cabeça na guilhotina...! Mas hoje posso dizer: em nenhum lugar do mundo a inflação será derrubada por economistas.'"

● "O governo fez a sua par-



Ariovaldo Vicentini/AE

"Sou o culpado até se a mulher chega em casa fora de hora"

te. E fez, e fez e fez. Neste primeiro semestre tivemos um superávit de NCz\$ 574 milhões. Sabe quem não cumpriu? Os empresários, que subiram os preços acima da inflação."

● "Quem ganha com a inflação são os especuladores. A inflação passou a ser um bom negócio. Também para quem fez firma para explicar a inflação, para explicar como viver com a hiperinflação..."

● "Economista não resolve inflação. Deve ser um trabalho dos políticos com a sociedade. Tenho resistido sozinho. O Congresso só faz conceder."

● "Fui o presidente que mais demitiu. Não posso prender ninguém. Aqui não se prende nem quem mata. A nossa Constituição proíbe."

● "Prefiro desgastar minha imagem do que cometer injustiças."

● "Não pedi um ano a mais de governo. Tinha direito a seis, abdiquei de um e agora todo mundo diz que eu quis mais um."

● "Administrei tudo sofrendo, apanhando. Porque tenho consciência, sou simples, vivo quase monasticamente. Conheço as duas margens do rio. E fiz o que achei que devia fazer."

● "Enfrentei oito mil greves. Agora não estamos tendo mais. É um ano eleitoral. Muitas greves foram montadas, não eram legítimas. No Plano Cruzado, as duas mil greves foram para destruí-lo."

● "Mas eu prefiro ser o

culpado por tudo. Sou culpado até se a mulher chega em casa fora de hora."

● "O aposentado nunca foi tão bem tratado."

● "Não vamos ter hiperinflação, nem recessão, porque eu também não quis a recessão. Mas tem gente que todo dia defende a hiperinflação."

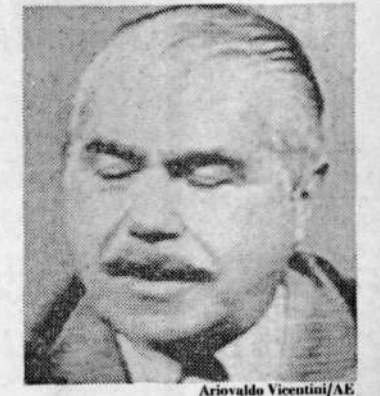
● "Não acredito que o ministro Antonio Carlos Magalhães (das Comunicações) tenha prestado apoio a Collor (Fernando Collor de Mello - PRN). Mas não vou me envolver para não ser instrumento dentro da campanha. Cada ministro pode apoiar quem quiser, mas não pode usar a máquina para esse fim."

● "Numa pesquisa, perguntaram 'você votaria no presidente Sarney?', 24% disseram que sim. Índice maior do que o de muito candidato. O povo é mais inteligente do que a gente pensa."

● "Na Constituição, perdemos a oportunidade de discutir o problema do Estado brasileiro, como ele deveria se organizar. A Constituição não fez isso. Prefiro ser assistencialista."

● "O Estado fica com 0,7% do PIB para enfrentar todos os problemas. Essa é a crise. Como resolver? Enquanto todo mundo quiser desfrutar de um pedaço maior do bolo, não há mágica que controle."

● "O presidente não tem mais poder algum, dado à Cons-



Ariovaldo Vicentini/AE

"Não desejo nunca mais me candidatar a nenhum posto eletivo"

tituição. Não é porque a Constituição é parlamentarista, mas ao contrário, porque no parlamentarismo ele constitui o governo."

● "O jeito brasileiro que se encontrou foram as medidas provisórias. O Congresso votou participação em medidas do Executivo, o que faz com que a máquina pública fique mais parada. O Congresso destruiu a

ele mesmo, e esse problema tem que ser equacionado."

● "O governo exerce poder do Estado. Se o Estado não tem poder..."

● "Que tipo de Federação vamos ter? Até onde o Estado deve chegar? De onde vamos tirar dinheiro?"



Ariovaldo Vicentini/AE

"O governo fez a sua parte. E fez, e fez e fez"

● "Tenho sido quem mais defende o pacto para uma transição democrática suave. Não consegui. Quando aparecer quem for favorável, vou achar fantástico."

● "Não desejo, nunca mais, me candidatar a nenhum posto eletivo."

● "Temos dois países. Um é um Brasil nervoso, das grandes cidades, cheio de tensões, e o outro é o da esperança. Este ano aumentamos em 40% a produção agrícola."

● "Somos a terceira democracia do mundo, o que tem mais liberdade. O presidente não perseguiu ninguém, nem os adversários. Acabou com a segregação política."

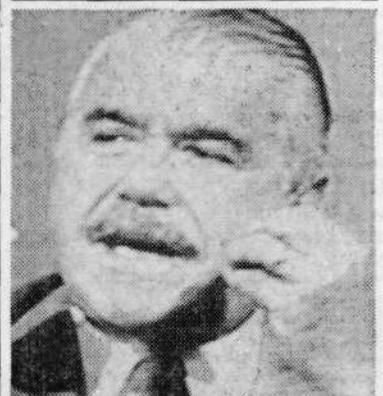
● "Quem vem aqui para ouvir as perguntas que eu ouvi?"

"Meu problema foi que nas horas de dificuldade, minha base me abandonou, e abandonou o Brasil."

● "Nunca tive ambições pelo poder, nunca quis ser Presidente da República. Recebi uma tragédia. Vim sem apoio. Vim do outro lado."

● "Num congresso de cardiologistas, prestei a minha colaboração na palestra de abertura. Alertei que existe mais um fator de risco para o enfarte: ser presidente da República."

● "No ano passado tivemos um perigo institucional. Queriam eleições, mas a Constituição só foi votada dia 5 de outubro. Fiz eleições em todos os anos do meu mandato."



Ariovaldo Vicentini/AE

"Recebi uma tragédia, vim sem apoio, vim do outro lado"

europeus e outro onde o restante vive como em Chade, na África, um país de 80 milhões de habitantes. Essa é a grande contradição."

● "Houve aumento de salário. Recuperei as perdas que encontrei em julho de 86. Eu acho que o salário é baixo, mas no que depende do governo, fiz o que podia ser feito."